

Recebido em 7/06/2023 e aprovado em 8/12/2023

UM MINKISI EM CAMPINHO?

Dificuldades e Possibilidades de Interpretação de Artefatos Religiosos Afro-Brasileiros no Contexto da Arqueologia Urbana, em Campinho, Rio de Janeiro

A MINKISI IN CAMPINHO?

Difficulties and Possibilities of Interpreting Afro-Brazilian Religious Artifacts in The Context of Urban Archeology, in Campinho, Rio De Janeiro

Thandryus Augusto Guerra Bacciotti Denardo¹

<https://orcid.org/0009-0002-0309-8560> / thandryus@gmail.com

Winner Querevalu Soares Baptista Filho¹

<https://orcid.org/0000-0001-7732-2284> / winnersoares@gmail.com

RESUMO

O presente artigo pretende discutir as dificuldades de interpretação relacionadas a objetos encontrados em contexto urbano e que podem ser associados a usos religiosos e cotidianos. Esses objetos, muitas vezes, trazem consigo uma série de questões acerca da sua descoberta no sítio, atribuição de tipologias e etnicidade e que implicam em precauções nas interpretações. Como objeto de estudo foi utilizado para essa discussão um *minkisi* encontrado em Campinho, bairro do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Religiões de matriz africana; Arqueologia do axé; Diáspora Africana; Arqueologia urbana.

ABSTRACT

This article aims to discuss the difficulties of interpretation related to objects found in an urban context and which can be associated with religious and everyday uses. These objects often bring with them a series of questions about their discovery on site, the attribution of typologies and ethnicity which imply precautions in interpretation. A *minkisi* found in Campinho, a neighborhood in Rio de Janeiro, was used as an object of study for this discussion.

Keywords: African-based religions; Archaeology of axé; African Diaspora; Urban Archaeology.

¹ Discente, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

CONTEXTO DA PESQUISA

No presente artigo se discutem os resultados do monitoramento arqueológico realizado no empreendimento Minha Casa, Minha Vida: Recanto das Flores I e II, localizado no bairro de Campinho, no Rio de Janeiro, durante o ano de 2021. A área totaliza 28.186,39 m², e é adjacente ao Forte de Nossa Senhora da Glória do Campinho; o empreendimento consiste na implantação de dois edifícios para habitação popular, que entrarão na longa lista de diferentes contextos do local.

Em períodos de pré-históricos, é possível que esta região fosse de ocupação indígena, uma vez que hoje é o município do Rio de Janeiro contava com forte presença de diversos povos antes da Conquista. O que se sabe, porém, é que ali foi fundada a Fazenda do Campinho em 1613, que funcionava como um grande engenho de açúcar (RIO DE JANEIRO (RJ), 2004). A Estrada Real (posteriormente Estrada Imperial de Santa Cruz, que parte hoje em dia corresponde hoje à Avenida Ernani Cardoso e à Avenida Intendente Magalhães) passava por ali justamente por conta da existência do engenho, e ali eram realizadas grandes feiras de mantimentos. Já no século 19, parte das terras foram doadas pelo sr. Domingos Lopes da Cunha para a Coroa (provavelmente por questão de angariar prestígio) para a construção do Forte de Nossa Senhora da Glória do Campinho², construído entre 1822 e 1824; também neste período o sr.

168

² Dentro da perspectiva que adotamos no trabalho e nas atividades de Educação Patrimonial, consideramos o próprio Forte como um patrimônio afro-brasileiro, tanto pelo fato dele ter sido construído por pessoas negras quanto pelo fato de utilizar saberes vindos de África. É importante



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuem o devido crédito pela criação original.

Madureira arrendou as terras adjacentes da Fazenda e que viriam a se tornar o bairro (MARTINS, 2009).

O Forte teve curta duração: foi fechado pelo Decreto Regencial de 1831, e as instalações foram utilizadas novamente apenas em 1851, já como Laboratório Pirotécnico; as diversas ocupações das construções do Forte são descritas por Gaspar (2014). Em 1862, o mesmo Domingos Lopes e sua esposa Maria Lopes doaram parte das terras para a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Capela do Laboratório do Campinho (provavelmente para “comprar” um lugar ao céu, uma vez que Domingos Lopes já estava idoso) para a construção de um cemitério destinado a pessoas escravizadas e trabalhadores brancos pobres, e a capela se tornou a atual Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Campinho³. O Forte se tornou o Quartel do 15º Regimento da Cavalaria Mecanizada de 1901 até 2005, e as terras do cemitério foram tomadas durante a Ditadura Militar para sua expansão. Também no início do século foram construídas diversos casarões ao lado do cemitério, que foram demolidos no período da construção do primeiro trecho da linha Trancarioca do BRT para a Copa do Mundo e das Olimpíadas (PEREIRA, 2014).

169

lembrar que entre as pessoas sequestradas e traficadas tinha quem dominasse técnicas de Engenharia, Arquitetura, etc, e que eram usadas nas construções em solo brasileiro. Entre estes engenheiros apagados das páginas da História hegemônica, talvez o caso de Tebas seja o mais conhecido (OLIVEIRA, 2020).

³ A Capela foi reformada e expandida com a construção de uma torre para o sino, provavelmente construída utilizando-se pedras de um dos muros originais do Forte, como será discutido em publicação posterior.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Tais foram os contextos do local: rota indígena, engenho, estrada, feira, Forte, Laboratório, cemitério, Quartel, casarões. O trabalho do monitoramento, assim, se provou complexo na interpretação, uma vez que todas estas ocupações tiveram que ser levadas em consideração na interpretação dos vestígios.

Porém, o presente artigo visa discutir apenas uma das áreas monitoradas, e em particular, um objeto: uma panela de metal com uma xícara e outros vestígios no seu interior, encontrada em conjunto com um bolsão de vestígios, principalmente de louça e de vidro. Tal panela foi interpretada como sendo relacionada à religião afro-brasileira no contexto de escravidão do início do século 19. No entanto, diversas perguntas podem ser feitas a partir dela: qual religião? Qual povo? O que é possível falar e o que não é possível falar a partir deste objeto? Este artigo, mais do que elicitare respostas, pretende fazer perguntas e problematizar a forma como objetos ritualísticos afro-brasileiros são interpretados (e nomeados!) dentro do contexto da Arqueologia Urbana, isso quando não passam por um descarte sumário por serem considerados “refugo” ou “lixo”. Dessa forma, talvez ele sirva para fazer uma pequena contribuição para o que vem sendo chamado de Arqueologia da Diáspora Africana.



DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS⁴

A área de interesse se encontrava próxima da entrada da área de empreendimento, na frente de uma estrutura identificada como muro de arrimo 03, mais recente. De início, foi possível perceber que tal muro possuía um nível inferior à sua frente, e um nível mais elevado na sua parte de trás. Uma vez que foram iniciadas as atividades de retirada e movimentação de terra na área com permissão do IPHAN/RJ, bem como a de demolição do muro, foi realizado um monitoramento arqueológico. Esta área também ficava em frente à área de lazer, do refeitório e do vestiário dos trabalhadores.



Figura 1. Área ao lado do muro de arrimo 03 e nível superior.

⁴ A descrição pormenorizada das atividades pode ser encontrada nos relatórios parciais e no relatório final do monitoramento arqueológico realizado pela empresa A Lasca Arqueologi (Processo IPHAN nº 01500.003124/2018-14).



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.



Figura 2. Área durante o monitoramento arqueológico, fotos panorâmicas.

Durante a movimentação de terra, foi possível detectar uma grande quantidade de vestígios, principalmente faianças e vidros, mas também cerâmica, ossos e fragmento de metal (alguns com marca de terem sofrido incêndio); ao todo, foram detectados mais de 700 vestígios, que foram enviados para laboratório para análise. A seguir, estão alguns exemplos de faianças, fragmentos de vidro e fragmentos de cerâmica (incluindo um fragmento de garrafa de gim da fabricante Wynand Fockink) que foram recuperados.

Vale notar que muitos dos fragmentos encontrados eram deixados no pequeno muro que separavam a obra das áreas destinadas aos trabalhadores de forma que eles pudessem ver e conversar a respeito dos achados, fazendo perguntas e emitindo suas próprias opiniões e interpretações. Esta estratégia foi adotada no monitoramento com grande ganho para a



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

equipe, uma vez que os próprios trabalhadores passaram também a ficar mais atentos para a presença de vestígios, avisando quando encontravam alguma coisa.



Figura 3. Exemplos de faianças encontradas durante o monitoramento.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribua o devido crédito pela criação original.



Figura 4. Exemplos de fragmentos de vidro encontrados durante o monitoramento.



Figura 5. Exemplos de fragmentos em cerâmica detectados; em detalhe, fragmento de garrafa da Wynand Fockink (direita).



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuem o devido crédito pela criação original.

Diante da diversidade de vestígios encontrados, foi aberta uma sondagem em uma área onde foi detectada uma maior concentração de vestígios⁵, ao redor de um buraco aberto por uma escavadeira durante a movimentação de terra. O buraco tinha 1.70 m x 1.70 m, e estava parcialmente cheio de água ainda por conta do antigo sistema de drenagem, como pôde ser comprovado pela existência de um cano de cerâmica. Outros canos foram detectados na mesma profundidade, também com água, em outros buracos abertos em movimentações posteriores, de forma que foi possível inferir que o sistema de drenagem estava presente em toda área, tanto à frente quanto atrás do muro de arrimo 03.



Figura 6. Buraco cheio de água.

⁵ A concentração foi detectada na obra por um trabalhador negro (cujo nome será omitido), que, interessado no trabalho dos arqueólogos e por iniciativa própria, buscou auxiliar a equipe de monitoramento com suas próprias observações. Desde o início, a equipe buscou realizar atividades de conversa com os trabalhadores em campo, explicando o ofício, a história do local, a materialidade encontrada, além de ter promovido seis encontros ao longo de dois meses que serviram para sistematizar as informações. O resultado foi promover o interesse de diversos trabalhadores, que passaram a também observar a terra e procurar por vestígios nas atividades que realizavam; isso se provou fundamental mais de uma vez durante o monitoramento.





Figura 7. Vestígios detectados ao redor do buraco.

A sondagem possuía 80 cm para os lados direito e esquerdo do buraco e 90 cm para a frente do buraco, e a profundidade foi de 25 cm. Em um dos seus cantos, foi possível detectar uma concentração de terra preta.

176



Figura 8. Raspagem ao redor do buraco.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

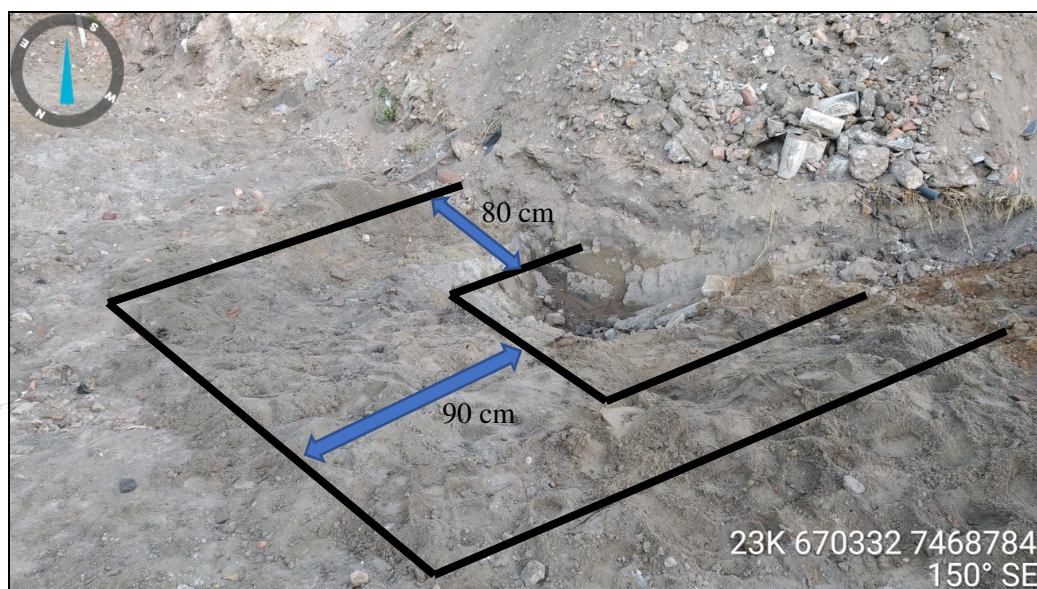


Figura 9. Raspagem completa.



Figura 10. Concentração de terra preta.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribua o devido crédito pela criação original.

Ao todo, foram detectados e coletados: 139 louças (das quais 71 eram decoradas), 71 vidros (incluindo garrafas, bases, e gargalos), 26 ossos, 33 fragmentos de cerâmica (incluindo fragmentos de vasos), 18 fragmentos de metais (muitos deles expostos ao fogo e colados em louças e fragmentos de cerâmica ou fragmentos construtivos), 12 fragmentos construtivos, entre outros. Alguns dos vestígios podem ser vistos abaixo.



Figura 11. Fragmentos de cerâmica coletados, incluindo fragmento de jarra.



Figura 12. Fragmentos de vidro, com destaque para uma garrafa com símbolo de estrela.





180

Figura 13. Fragmentos de faianças e louças decoradas (abaixo: duas faces de faianças com borrões azuis).

Por fim, foi aberta uma nova sondagem, tendo como direção a direção do encanamento, onde o metro 0 foi delimitado no limite da sondagem aberta em torno do buraco. Ao todo, a nova sondagem teve 10 metros de comprimento, 80 cm de largura, e entre 20 cm e 30 cm de profundidade.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribua o devido crédito pela criação original.

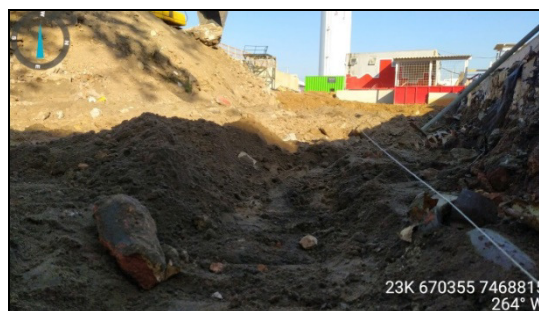


Figura 14. Sondagem sendo delimitada. Esquerda: metro 0. Direita: metro 10.



Figura 15. Abertura da sondagem, com o auxílio de uma enxada.



Figura 16. Sondagem após aberta. Esquerda: metro 0. Direita: metro 10.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribua o devido crédito pela criação original.

Foram encontrados diversos materiais, principalmente fragmentos de faiança, principalmente entre os metros 0 e 1, 1 e 2, e 9 e 10. Entre os metros 3 e 4 foi encontrado um fragmento de piso de ardósia.



Figura 17. Fragmentos de louça entre os metros 0 e 1.



Figura 18. Fragmentos de louça entre os metros 1 e 2.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.



Figura 19. Fragmentos de louça entre os metros 9 e 10.

Por fim, foram coletadas três panelas: a primeira foi encontrada na sondagem, e será o objeto de análise do presente artigo, enquanto as outras duas foram encontradas durante o monitoramento posterior da movimentação de terra no mesmo local. Ambas foram enviadas para laboratório para análise; uma delas, em particular, ainda estava com terra no seu interior.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.



Figura 20. Panelas encontradas durante o monitoramento.

A área foi interpretada como possivelmente sendo uma antiga cozinha. Tal interpretação foi possível levando em conta alguns fatores: (i) o sistema de drenagem detectado por toda a área, com canos de cerâmica antigos; (ii) a grande quantidade de vestígios de faiança detectados, em conjunto com garrafas de bebida, panelas, etc.; (iii) vestígios de metal que sofreram incêndio, derretidos sobre tijolos, o que indica presença de alguma construção. Como veremos a seguir, a interpretação conferida à panela encontrada na sondagem indica que ela foi enterrada ali como parte de algum ritual religioso, e tais enterramentos ocorriam sob construções, de forma que as o contexto e o objeto permitem interpretações convergentes.

O OBJETO EM QUESTÃO

O objeto deste artigo foi encontrado a cerca de 25 cm de profundidade na segunda sondagem realizada, entre os metros 0 e 1. A princípio, ele foi compreendido como uma panela de metal, com uma xícara completamente preservada em seu interior, feita de faiança fina e decorada com motivo de quadrados azuis e uma flor verde, identificado como relacionado a religiões afro-brasileiras.



Figura 21. Panela após encontrada.

A xícara foi cuidadosamente retirada, e o conteúdo da panela foi peneirado, separando os materiais encontrados de acordo com a matéria-prima. O conteúdo da xícara foi peneirado em recipiente separado, embora nada tenha sido detectado em seu interior. O solo foi guardado em saco preto, longe da irradiação solar direta.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.



Figura 22. Retirada da xícara e do conteúdo da panela, ainda em campo.

A princípio, notamos que a xícara foi de fato depositada dentro da panela. Primeiramente, por conta de sua alta integridade, o que teria menor chance de ocorrência caso ela tivesse caído ali. Em segundo lugar, pelo contexto da própria panela, uma vez que diversos outros fragmentos foram encontrados em seu interior, permitindo interpretar o objeto como um depósito. A panela, a xícara, e os demais vestígios compunham um sistema coeso de análise, permitindo sua interpretação como um único conjunto.

Agostini (2010) e Souza e Agostini (2012) discutem as relações estabelecidas entre padrões de decoração em potes cerâmicos e marcas de escarificação de povos africanos, entre eles povos posteriormente denominados Iorubás, posteriormente denominados Minas e Nagôs, e posteriormente denominados Moçambiques e Angolas. Em particular, o padrão de decoração azul encontrado



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

na xícara possui semelhanças com tatuagens da África Central, e, embora tal estudo mereça maior profundidade, é possível ao menos pensar que tal relação possa também estar presente no objeto encontrado.

Ademais, vale notar que os objetos encontrados provavelmente foram provenientes de uma cozinha, que era, majoritariamente, um espaço feminino e negro, povoado também por crianças⁶. Neste sentido, Agostini (2010, p. 141) ressalta que “haveria, assim, não apenas um interesse africano em consumir insígnias com significados particulares para eles, mas também um senso comum de que utensílios de cozinha poderiam – ou deveriam – servir como suporte de uma estética cujo referencial era africano, que era reinterpretada na diáspora [...]”. O uso de uma panela de metal proveniente de uma cozinha como receptáculo para um ritual religioso cria, assim, uma ressignificação do utensílio culinário que é observada também em outros contextos.

187

⁶ Vale lembrar que um dos objetos de resgate arqueológico foi parte de um calçamento de pé-de-moleque da Fazenda do Campinho, o que é possível de ser inferido devido à temporalidade desta técnica construtiva; não é possível falar, por exemplo, que tal calçamento pertencia ao Forte de Nossa Senhora da Glória do Campinho, tanto por sua distância da construção, quanto pelo fato da técnica já ter deixado de ser usada na época que a construção militar foi edificada. Importante aqui é notar que tal calçamento recebe este nome porque as pedras, irregulares, eram colocadas no solo por trabalhadores negros escravizados e acertadas pelos pés descalços de seus filhos; Garcia e Ribeiro (2016, p. 15) argumentam que a expressão pé-de-moleque “seria uma expressão popular usada devido as marcas que ficavam dos pés descalços e feridos dos filhos de escravos que andavam sobre calçamentos desse tipo”. De qualquer forma, as crianças negras trabalhavam na Fazenda, e não podemos esquecer de sua presença no local.





Figura 23. Xícara encontrada dentro da panela.

Além da xícara, foram encontrados diversos vestígios no interior da panela, como fragmentos de cerâmica, ossos, conchas, vidro, um fragmento de quartzo leitoso, além de diversos fragmentos de metal e pregos, como mostrado a seguir e sistematizado na Tabela 1. Tais objetos provavelmente se tornaram parte de um ritual religioso, sendo animados a partir dele com algum objetivo em mente. A questão que se coloca a seguir é como interpretar a panela e estes objetos, e como classificar a partir desta interpretação⁷. Este processo é repleto de dificuldades.

⁷ Para Arenas (1986), o uso da taxonomia ou classificação na Arqueologia permite compreender contextos pelas conexões estabelecidas entre os vestígios, a fim de ordenar os materiais e torná-los comparáveis com outros. Assim, busca-se a função de determinado objeto a partir de categorias



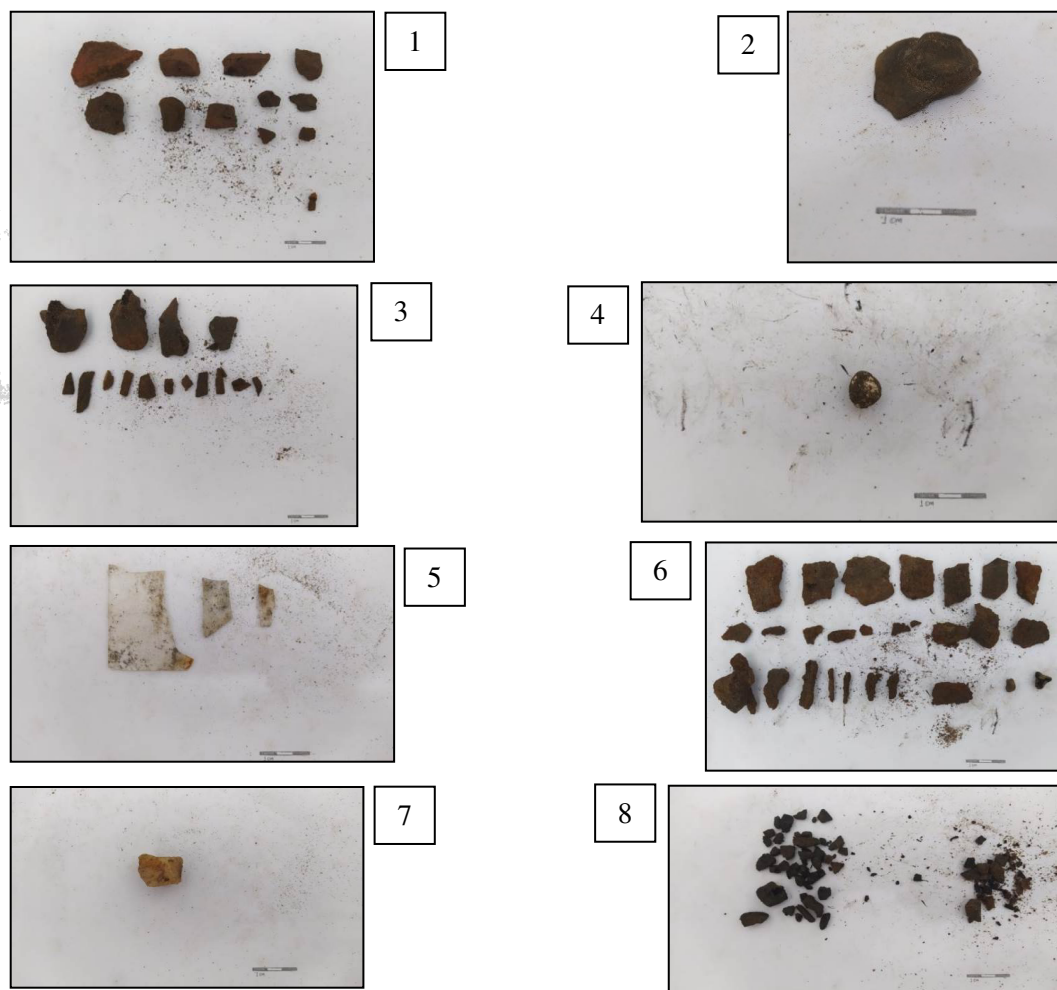


Figura 24. Demais vestígios encontrados dentro da panela. (1) Cerâmica. (2) Tampa de cerâmica. (3) Ossos. (4) Calcário (possível concha). (5) Vidro. (6) Metal. (7) Quartzo leitoso. (8) Carvão.

como modo de produção, modo de vida, modo de trabalho, etc. Dessa forma, a classificação é uma ferramenta para estabelecer relações espaço-temporais que possuem caráter explicativo ao relacionar o observado com formulações teóricas gerais, como as do materialismo dialético.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribua o devido crédito pela criação original.

Matéria-prima	Quantidade
Louça	1
Cerâmica	13
Ossos	15
Calcário	1
Vidro	3
Metal	28
Quartzo	1
Carvão	-
TOTAL	62

Tabela 1. Matéria-prima e quantidade dos vestígios encontrados no interior da panela.

AS DIFICULDADES DE INTERPRETAÇÃO

Diante do exposto, podemos nos deter mais profundamente sobre a panela encontrada, juntamente com os vestígios no seu interior. A escolha de falar apenas do conjunto da panela, e não de todos os demais vestígios encontrados no bolsão onde ela estava, vem de dois fatores: primeiro, porque seria necessário um estudo sistemático para compreender o contexto dos achados de forma mais pormenorizada, estudo este que não é possível dentro de um contexto de Arqueologia Urbana e de contrato; em segundo, a análise preliminar da panela foi suficiente para gerar a formulação de perguntas que podem contribuir para a Arqueologia da Diáspora Africana.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribua o devido crédito pela criação original.

Optamos aqui por falar de Arqueologia da Diáspora Africana⁸ e não da Arqueologia do Axé (GORDENSTEIN, 2019; NOVAES, 2020) ou da Arqueologia dos Candomblés (GORDENSTEIN, 2014; PEREIRA e CHEVITARESE, 2019) por uma questão da especificidade da nomenclatura. Enquanto a segunda trata principalmente do estudo de culturas materiais compreendidas como objetos religiosos que serviram de axé (e cujo axé pode ter sido perdido ao não terem tido os devidos cuidados) dentro de áreas que serviram de barracões ou terreiros no passado (e no presente), a terceira trata de compreender a formação da religião do candomblé. O contexto estudado não era de um lugar sagrado *a priori*, e também não temos indícios para falar que se tratava de um culto de candomblé. A distinção do campo de estudos a partir da nomenclatura também vai trazer reflexões acerca da classificação do objeto.

191

Ao iniciarmos a análise do objeto em questão, foi possível notar a semelhança com outros achados em outras áreas, tanto no Brasil quanto fora. Leone e Fry (2001) e Cuddy e Leone (2008) discutem os achados de *caches* nas escavações da Taverna Reynolds, em Annapolis, que incluíam uma diversidade de materiais em osso, cerâmica, vidro, metais, conchas, pedras, além de materiais orgânicos, possivelmente associados a um sistema de crenças Hoodoo (LEONE e FRY, 2001). Ainda nos Estados Unidos, Samford (2000) faz referência às semelhanças entre os caches encontrados em senzalas no estado de Virgínia com os minkisi da África Central (p. 225), embora não desenvolva o tema no seu próprio estudo que

⁸ Para um histórico deste campo, consultar Gordenstein (2014) e Symanski (2014).



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

analisou 103 cavidades abaixo do piso em diversos sítios arqueológicos. No Brasil, Symanski (2007) analisa os vestígios encontrados abaixo do piso do Engenho Rio da Casca, localizado na Chapada de Guimarães, em Mato Grosso, concluindo que se trata de um cache assim como os encontrados por Leone e Fry em Annapolis, e continua dizendo que:

Entre os bacongo esses “cachês” são denominados *minkisi*. [...]

É significativo que a maioria dos itens que provavelmente compõem um *minkisi* no sítio Carrol House está também presente na casa grande do sítio Engenho Rio da Casca. Esse é o caso dos cristais de quartzo, em número de onze, uma panela de cerâmica apresentando o aplique circular com o signo de um asterisco inciso sobre ele (cosmograma bacongo) e de uma pedra preta brilhante. (p. 24)

192

O autor também compara os vestígios com práticas de enterrar objetos rituais (como panelas com ossos) registradas na África, afirmando que “a prática de esconder itens de conjuro na casa dos inimigos, geralmente perto da porta de entrada, é também comum entre os Bantos de Angola” (p. 23-24).

No âmbito brasileiro, também vale destacar o trabalho de Gordenstein (2014), que descreve diversas panelas encontradas no contexto de um terreiro baiano no século 19; o autor diz que “o estudo sobre o uso de *minkisi* na Bahia a partir do período colonial ainda está para ser feito, mas há relatos sobre o uso do ‘amansa senhor’” (p. 21). Já no Rio de Janeiro, podemos citar o trabalho de Garcia et al. (2020) na antiga Rua dos Ourives (atual rua Miguel Couto), nº 221, onde foi escavado o Armazém M. Velludo & C., que serviu para venda de pessoas



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuem o devido crédito pela criação original.

traficadas entre 1860 e 1874. De particular interesse, entre os materiais sagrados encontrados estava um possível assentamento, onde foi ressaltado “a pertinência da presença de ossos de boi; o recipiente de faiança fina como uma espécie de receptáculo; e o pequeno pote cerâmico que poderia ter sido um alguidar, semelhante aos atualmente dedicados a Ogun e Exu.” (p. 49). É possível perceber a resignificação de um utensílio doméstico, como o objeto de faiança fina decorado com cena britânica, para se tornar um objeto utilizado em práticas religiosas (e por isso sagrado?⁹), como foi discutido anteriormente.

Como, então, chamar o objeto encontrado em Campinho: cache, minkisi, mandinga, assentamento? A resposta de nomenclatura, na verdade, depende do povo que fez e do sistema religioso.

193

Fennell (2007) e Santos (2008) discutem que os minkisi (singular: nkisi) são relacionados aos povos BaCongo¹⁰, da África Central, e aparecem na cultura material (sob o olhar ocidental) como receptáculos ou contêineres de madeira esculpida (como estatuetas antropomorfas), tigelas ou potes de cerâmica, bolsas, chifres de animais, conchas de caracóis, sacos de ráfia, cabaça, saquinhos e sachês, pacotes de pano, folhas entrelaçadas, ou outros objetos que servissem

⁹ Reginaldo Prandi é um estudioso das religiões afro-brasileiras que discute a questão do secular, do profano e do sagrado. Em particular, em entrevista realizada para a TV Brasil (2014), o professor descreve diversos exemplos de como tais religiões lidam com esta questão.

¹⁰ *Ba* serve como prefixo para sinalizar plural. BaCongo, dessa forma, se refere aos diversos povos do Congo.



para depositar objetos como pregos, fragmentos de cerâmica e de vidro, conchas, ossos, raízes, objetos estes que uma vez depositados deixavam de ser apenas objetos do cotidiano e se tornavam objetos de poder, carregados de força vital; mesmo inertes, os objetos são animados por um movimento cósmico que pode ter um ritmo imprimido de acordo com as necessidades (LOPES, 2021, p. 151). Assim sendo, os receptáculos eram “animados pelos poderes representados metaforicamente e metonimicamente pelas substâncias bilongos¹¹ colocadas dentro dele e sobre ele. [...] Uma grande variedade de minkisi foi criada no decorrer do tempo, alguns designados para conter espíritos mais poderosos capazes de ações letais, outros designados para conter espíritos mais complacentes para propósitos de trabalhos específicos de cura ou proteção de um indivíduo ou casa” (FENNELL, 2007, p. 57-58, tradução livre)¹².

194

Os minkisi serviam inicialmente para pedir auxílio para espíritos ancestrais (basimbi), uma vez que “os espíritos dos ancestrais são os principais intermediários entre a Divindade Suprema e os humanos. Assim, são eles que levam as oferendas dos fiéis e intercedem em seu favor junto a Nzambi, Suku, Kalunga etc. [...] Os ancestrais [...] podem também ser associados a forças da

¹¹ Santos (2008) traduz bilongo para “remédio”.

¹² “The nkisi was animated by the powers represented metaphorically and metonymically by the bilongo substances placed within it and upon it. [...] A great variety of minkisi were created over time, some designed to contain more powerful spirits capable of lethal actions, and others designed to contain more benign spirits for the purposes of specific tasks of healing or for protecting an individual or household.”



natureza, como é o caso entre os bacongos, dos Nkisi, que às vezes estabelecem com os homens pactos bilaterais [...]" (LOPES, 2021, p. 147).

Nas Américas, "os cosmogramas do Congo reapareceram [...] na forma de feitiços-minkisi, e este teria sido um instrumento estratégico da comunidade negra para efetuar curas" (SANTOS, 2008, p. 197). Os minkisi eram feitos por especialistas chamados de banganga (singular: nganga) em rituais que tinham etapas públicas e etapas privadas.

É preciso notar a diferença da prática BaCongo para as práticas mandingas e "de outros povos islamizados da Alta Guiné, que portavam amuletos contendo orações escritas em papel contendo textos islâmicos referentes ao Alcorão, acompanhados de comentários teológicos e curativos" (Ibid., p. 197). Além disso, outro aspecto importante ao pensar nos minkisi inseridos no contexto brasileiro é o uso que se fazia de elementos provenientes do catolicismo:

A capacidade dos povos africanos de recriarem suas tradições na diáspora está presente nos novos sentidos atribuídos à bolsinha. Na bolsa, pode aparecer a junção das manifestações das religiosidades baconga e católica. O uso de gravuras que remetem a relação entre o mundo dos vivos e dos mortos e os saquinhos contendo ingredientes católicos formavam uma espécie de minkisi, como remédio preventivo. (Ibid., p. 200).

Existiam também diferenças a respeito da matéria-prima do receptáculo, tanto na sua interpretação dentro da própria religiosidade BaCongo, quanto à sua possível etnicidade Iorubá:



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Quando se considera as características de várias tradições espirituais BaCongo, Nkondi era notável pelo uso de cunhas de ferro e lâminas de faca como parte dos materiais rituais. Enquanto fragmentos de ferro eram frequentemente relatados como possíveis formas de bilongo, representando força e resiliência, esse uso focado de ferro apareceu principalmente nos relatos sobre Nkondi. Isso diferia de outras religiões africanas, como a dos Yoruba, que enfatizava muito mais o uso de materiais de ferro em objetos religiosos dedicados às principais subdeidades, como Ogun, um deus associado à guerra e ao ferro (Barnes 1989) [...] (FENNELL, 2007, p. 61, tradução livre)¹³

Embora as crenças do BaCongo incluíssem o uso de materiais de ferro como uma forma de objeto bilongo, esse uso concentrado de recipientes de ferro raramente era empregado no Congo. É um modelo muito mais consistente com as composições de amula da cultura Iorubá, que eram tipicamente dedicadas a um orixá chamado Ogun (também escrito Oggún) (K. N. Brown e K. L. Brown 1998: 3). (Ibid., p. 82, tradução livre)¹⁴

Assim, vemos que a classificação do objeto está intimamente ligada ao povo que o confeccionou. A panela encontrada possui semelhanças com os minkisi descritos por diversos autores, uma vez que é um recipiente com diversos objetos de poder, possivelmente enterrado abaixo de um ambiente doméstico, possivelmente uma

¹³ “When one considers the characteristics of various BaKongo spiritual traditions, Nkondi was notable for the use of iron wedges and knife blades as part of the ritual materials. Whereas fragments of iron were frequently reported as possible forms of bilongo, representing strength and resilience, such a focused use of iron appeared primarily in the accounts concerning Nkondi. This differed from other African religions, such as that of the Yoruba, which placed far greater emphasis on the use of iron materials in religious objects dedicated to principal sub-deities, such as Ogun, a god associated with war and iron (Barnes 1989).”

¹⁴ “While BaKongo beliefs included the use of iron materials as a form of bilongo object, such a concentrated use of iron containers was seldom employed within the Kongo. It is a design far more consistent with the amula compositions of the Yoruba culture, which were typically dedicated to an orisha named Ogun (also spelled Oggún).”



cozinha (como é possível inferir devido à grande concentração de louças, vidros, etc). De fato, é possível levantar diversas interpretações: sendo BaCongo, o objeto poderia servir para a proteção de mulheres e crianças que ali trabalhavam, ou ser um minkisi mais agressivo, voltado para ações letais (Nkondi), como sugere o fato do receptáculo ser de metal; sendo Iorubá, poderia ser um assentamento possivelmente para Ogun. Se a etnia é fundamental para a nomenclatura, então é necessário compreender a formação da população negra no município do Rio de Janeiro:

Apesar do porto do Rio de Janeiro ter recebido escravos de diferentes origens, comerciantes sempre mostraram uma preferência clara em concentrar suas transações na África Central. [...] Isso era devido às correntes e ventos favoráveis entre as duas regiões [...] e à existência de fortes sistemas de trocas comerciais entre Rio de Janeiro e portos específicos como Luanda, Benguela, Loango e Cabinda (Klein 1972: 909; Miller 1988: 468; Slenes 1983: 570, 576). Os navios negreiros que saíam da África Central correspondiam a 79% de todos os navios que aportavam na cidade entre o final do século 18 e a primeira metade do século 19 (Florentino et al. 2004: 94-102). (LIMA, SOUZA e SENE, 2014, p. 107, tradução livre)¹⁵

197

¹⁵ “Although the port of Rio de Janeiro received slaves from many different origins, traders always showed a clear preference for concentrating their transactions on Central Africa. [...] This was due to the favorable currents and winds on the route between the two regions [...] and to the existence of strong commercial trade systems between Rio de Janeiro and specific ports like Luanda, Benguela, Loango, and Cabinda (Klein, 1972: 909; Miller 1988: 468; Slenes 1983: 570. 576). The slave ships sailing from Central Africa corresponded to 79 per cent of all those docking in the city between the late eighteenth century and the first half of the nineteenth century (Florentino et al. 2004: 94-102)”



As autoras continuam apontando os termos demográficos da população negra no Rio de Janeiro, mostrando que ela era composta majoritariamente por pessoas trazidas da África e não nascidas no Brasil no período de 1822-1835. Mais do que isso, pessoas vindas da África Central compunham dois terços da população escravizada da cidade. Elas também afirmam que, devido ao bloqueio comercial britânico na costa oeste da África, houve um aumento na população de pessoas trazidas da costa leste, conhecidas pelo termo amplo de “Moçambiques”, de 2.3% entre 1795-1811 para cerca de 20% no período de 1811-1830.

Beniste (2020, p. 62-64) destaca os seguintes grupos étnicos no município do Rio de Janeiro: angolas, cabindas, angicos e monjolos, congos, moçambiques, benguelas, minas, galinhas e malês. No entanto, o autor também nota que os termos “angola e congo” se referem a “conjuntos étnicos que fazem parte dos grupos bantus, como os cabindas monjolos, lundas, quicongos, benguelas, moçambiques, quicos, casanjes, rebolos, e os grupos sudaneses oyós, ijéxas, egbás, hausás, fulah, mandingas, tapas e os daomeanos jejes” (Ibid., p. 23). Uma das formas que tal diversidade ainda é sentida nos dias de hoje é através dos diferentes barracões de candomblé e terreiros de umbanda existentes na cidade, vários com diferentes tradições oriundas de diferentes etnias. Lopes (2021, p. 101-110) elenca um total de 218 grupos bantos, distinguindo cada grupo ainda em diferentes subgrupos, separados entre Bantos do Noroeste, Bantos do Equador, Bantos Mongo-Nkundo-Tetela, Bantos do centro (Kongo, Kimbundu, Kwango, Kasao, Chokwe-Lunda, Bemba, Maravi, Yao-Makwa), Bantos da costa nordeste



(Nyika-Taita, Swahili), Bantos das Terras Altas do Quênia, Bantos interlacustres, Bantos da Tanzânia (Rift, Nyamwezi, Rukwa, Rufifi, Nyasa), Bantos do Médio Zambeze, Bantos do sudoeste, Bantos Xona, Bantos Tonga, Bantos Nguni, Bantos Soto.

É possível constatar a existência de ao menos duas confrarias criadas por negros “minas” no município carioca. No entanto, “essa designação “étnica” (mina) incluía numerosos grupos originários da costa ocidental africana, notadamente aqueles sob a égide do antigo reino do Daomé, mas não somente eles. Eram escravos exportados através de portos como Ajudá, Jaquin, Grand Popo, Porto Novo e outros. Os jejes e nagôs podiam estar incluídos sob o guarda-chuva mina [...]. No Rio de Janeiro a generalização mina parece ter sobrevivido pelo século XIX adentro [...]. Como se sabe, no Rio predominavam os africanos vindos da África central e austral, que os linguistas convencionaram chamar de ‘bantos’” (REIS, 1996, p. 9).

A mesma dificuldade também pode ser sentida em outras etnias. Matory (1999) argumenta “que foi a dispersão e as atividades de milhares de retornados durante a fase do colonialismo britânico que produziu a identidade novamente unitária chamada ‘Yorùbá’” e que, “antes de o tráfico de escravos no século XIX dispersar os Ijèbú, os Egbá, os Edbádò, os Ondó, os Ekiti, os Oyó e outros, estes grupos nunca se autodenominaram “Yorùbá”, muito menos compartilharam uma língua “padrão” ou uma identidade política única” (p. 60). O autor argumenta o mesmo



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

para a identidade Jeje, surgida a partir do retorno de negros para a África e fundação de cidades principalmente por negros nascidos no Brasil, como Porto-Novo. Antes desta identidade Jeje, o que existia eram povos do grupo dialetal ewe-gen-aja-fon, considerados como povos de uma mesma língua pelos padres franceses da Sociedade das Missões Africanas.

Em resumo, percebemos diversos termos guarda-chuva¹⁶, onde “banto” é uma convenção linguística, angolas e congos são termos que abarcam uma grande diversidade étnica, “Moçambique” é um termo guarda-chuva para povos trazidos da costa leste da África no período de bloqueio britânico, “mina” é outra nomenclatura que incluía diversos grupos étnicos, nenhum povo africano se auto-denominava “iorubá” antes do colonialismo, e “jeje” é um termo recente que passou a ser utilizado somente a partir de 1864. No entanto, estas são as principais identidades “étnicas” presentes no Rio de Janeiro no século 19, identidades que se fazem e se constroem não na África, mas no encontro entre África e Brasil, entre África e Rio de Janeiro; identidades que podem sim ter surgido a partir do olhar do colonizador, mas que se tornaram mais do que isso quando incorporadas pelas pessoas negras.

Também não podemos dizer que o uso de termos guarda-chuva é exclusivo da Arqueologia da Diáspora Africana. Ele também está presente quando falamos de

¹⁶ O maior deles é o que ainda pode ser ouvido em congressos e lido em trabalhos acadêmicos: “africano”. Por exemplo, temos a “Tradição Neobrasileira” caracterizada por “traços africanos”.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

“Povos Jê”, “Povos Tupi”, etc., ao falar da Arqueologia pré-conquista no Brasil e na América Latina. Vale ressaltar que o mesmo não é feito para povos europeus, ou ao menos nunca vimos o uso do termo “povos Indo-europeus”, ou agrupamentos com uma grande diversidade de culturas, para se referir à história do continente europeu dos últimos quinhentos anos, como é feito com povos africanos e indígenas para falar de suas histórias nos mesmos últimos quinhentos anos. Esta afirmação não é uma denúncia, mas um convite à reflexão: por qual razão a Arqueologia é dotada de sutileza para tratar das diferentes histórias culturais e étnicas na Europa durante a História Moderna, mas não para os continentes americano e africano?

201

CONCLUSÕES

Até aqui demonstraram-se as dificuldades em interpretar um objeto ritual afro-brasileiro. Dificuldade esta devido à falta de estudos que permitam a comparação, à falta de terminologia sutil de etnias; dificuldades oriundas ainda da escravidão e do racismo fundante da sociedade capitalista e liberal em que o Ocidente está inserido.

É fundamental compreender que a dificuldade de aprofundar o estudo sobre as sociedades violentadas advém do colonialismo que esteve ligado ao fazer científico ocidental. Historicamente, a neutralidade existente no discurso nunca existiu na prática. Sendo assim, acreditamos que é preciso lançar novos olhares a fim de tirar conclusões.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuem o devido crédito pela criação original.

Em primeiro lugar, devido ao fato de grande parte da população negra no Rio de Janeiro ter sua origem na África Central, a hipótese de que a panela encontrada esteja relacionada com as práticas rituais desta região é um tanto fortalecida. Assim, é possível que o objeto de fato se trate de um nkisi, e mais especificamente de um Nkondi, e que tenha sido realizado por pessoas sequestradas da África Central e trazidas ao Brasil na condição escravizada, e enterrado sob o piso da construção que ali existia (o que condiz com práticas religiosas observadas em outros locais). Esta parece ser uma interpretação que estabelece boas relações com o contexto observado do conjunto de objetos e da demografia do município carioca, embora não tenha sido observado o dikenga (cruz) BaCongo relatado em objetos semelhantes provenientes de outras pesquisas. Podemos nos fazer uma nova pergunta a partir dessa constatação: o cemitério construído posteriormente pode ter sido resultado deste ou de outros rituais religiosos?

202

Em segundo lugar, precisamos reconhecer uma continuidade das práticas rituais no local, uma vez que um assentamento recente para Exu foi colocado a apenas alguns metros de distância de onde a panela foi encontrada. Não se sabia da existência dos vestígios arqueológicos no local até terem sido descobertos, e, no entanto, o local ainda servia para práticas de rituais afro-brasileiros. Talvez possamos falar, neste caso, de uma ancestralidade que pode estar presente nos eguns que ainda habitam o local, mas invisíveis ao nosso olhar. Além disso, a existência atual de práticas rituais a Exu no local de fato serviu para guiar o nosso



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

olhar enquanto arqueólogos que monitoravam a escavação, isto é, “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje”.



203

Figura 25. Ebó encontrado próximo da panela. Ao lado, estava uma garrafa de cachaça da marca 51, vazia.

Em terceiro lugar, é preciso compreender a dificuldade que a Arqueologia Urbana tem de reconhecer sagrados afro-brasileiros. Fosse uma cruz o objeto encontrado, a interpretação teria muito mais contextos para se comparar; além disso, seria impensável que um crucifixo ou objeto cristão passaria por “lixo” ou “refugo”, enquanto objetos de poder como cacos de cerâmica, pregos, fragmentos de vidro podem sofrer tal classificação cotidianamente. Inclusive, a dificuldade aumenta



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

por conta de dicotomias epistemológicas que insistimos em usar, como secular e sagrado, onde outras cosmovisões tendem a fugir de tais divisões. O espaço onde a panela foi enterrado era sagrado, ou secular? Tornou-se sagrado? A panela era ela própria um espaço sagrado? É necessário que a Arqueologia esteja preparada para ver o sagrado no cotidiano, ver o sagrado nos espaços cotidianos, ser capaz de lidar com o mundo invisível que circula em todos os espaços. Isso traz à tona a falta de conhecimento frente a epistemologias afro-brasileiras do passado, devido à falta de registros, o que torna inacessível um saber pormenorizado. Mais do que isso, mostra também a necessidade de problematizar as dicotomias presentes no Ocidente, como o sistema de sagrado e não-sagrado; embora tais categorias existam em outras culturas de uma forma ou de outra, existem também outras categorias que tornam outros sistemas de conhecimento não-binários e/ou não-dicotômicos (isso é, com binários que não são construídos em oposição, mas em complementaridade etc.23).

204

Podemos também entender que tal despreparo vem do racismo estrutural presente nas sociedades capitalistas, especialmente ao considerar que elas foram construídas sobre o escravagismo; existe uma relação profunda entre a ideologia da supremacia branca e o liberalismo (LOSURDO, 2006), bem como a superestrutura do racismo estrutural e a infraestrutura do modo de produção capitalista. Reconhecer como o racismo do passado e do presente pode influenciar no saber arqueológico é um passo necessário para superá-lo. Sendo assim, as



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

discussões presentes neste texto são pertinentes para este fim, de forma que elas dialogam com o objetivo da Arqueologia da Diáspora Africana (NOVAES, 2013). Por fim, podemos concluir também a permanência de práticas religiosas em contexto de escravidão. Sejam as práticas BaCongo dos minkisi, as práticas dos mandingas e de outros povos islamizados, os assentamentos iorubás, as irmandades cristãs negras, a religião esteve presente na vida das pessoas afro-brasileiras; por outro lado, também se percebe, em uma via de mão-dupla, a influência destes povos no catolicismo brasileiro, em que a maior padroeira é uma santa negra, e cujos santos negros eram validados pelas confrarias negras, assim como o cristianismo também influenciou as práticas tradicionais africanas dentro do contexto americano. Podemos falar que a religião serviu como um aspecto da resistência e principalmente da resiliência das pessoas negras. Mas foi tão mais que isso! Não podemos circunscrever todas as experiências à escravidão, assim como não podemos ter uma única identidade de “escravos” para as diversas pessoas negras sequestradas da África e mantidas em cativeiro nas Américas, ou aqui já nascidas. A categoria de resistência talvez não seja suficiente para abarcar todas as diferentes experiências vividas durante a reinvenção de identidades que surgiram do amálgama entre diversos grupos, povos, etnias na formação do que é chamado de Améfrica (GONZALEZ, 2020).

Este artigo se propôs a discutir questões que surgem ao interpretar vestígios associados a povos afro-brasileiros, inclusive na atribuição étnica, e mostrar que, em vários casos, como é o da presente pesquisa, não temos respostas precisas para



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

a cultura material. E, provavelmente não vamos ter, não para a panela encontrada em Campinho e aqui discutida, uma vez que as obras no local impedem novos estudos arqueológicos na área; as negociações com a empresa de arqueologia e com o empreendedor resultaram na disponibilização de um tempo curto para a pesquisa. Entretanto, as reflexões aqui contidas acerca das dificuldades encontradas tanto na descoberta quanto na interpretação de vestígios associados à cultura afro-brasileira, bem como o descompasso entre o tempo necessário para a pesquisa arqueológica e o avanço dos empreendimentos dentro da atual legislação brasileira podem auxiliar que o nosso olhar, enquanto arqueólogos e arqueólogas, fique mais atento e sensibilizado.

206

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer primeiramente à empresa Tenda Imobiliária S/A pela permissão da publicação de resultados prévios dos resultados obtidos em sua área de empreendimento. Também gostaríamos de agradecer à empresa A Lasca Arqueologia pela possibilidade do trabalho realizado. Também gostaríamos de agradecer ao pai de santo Leonardo Cézanne, do Ilê Irê Opô Asé Odé, pelo interesse e contribuições para a escritura deste artigo. Por fim, agradecemos a Ana Carolina de Lima Luscura França, pela cobrança insistente e revisão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, Camilla. Panelas e paneleiras de São Sebastião: um núcleo produtor e a dinâmica social e simbólica de sua produção nos séculos XIX e XX. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*. Volume 4, número 2. 2010.

ARENAS, Irida Vargas. *Arqueología, ciencia y sociedad*. Boletín de Antropología Americana, n. 14. 1986.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribua o devido crédito pela criação original.

BENISTE, José. História dos candomblés no Rio de Janeiro: o encontro africano com o Rio e os personagens que construíram sua história religiosa. Rio de Janeiro: Bertrand. 2020.

CUDDY, Thomas W.; LEONE, Mark P. New Africa: Understanding the Americanization of African Descent Groups through Archaeology. In: C. Colwell-Chanthaphonh e T.J. Ferguson. Collaboration in Archaeological Practice. Engaging Descendent Communities. Lanham: Altamira Press. 2008.

FENNELL, Christopher C. Crossroads and cosmologies: diasporas and ethnogenesis in the new world. Gainesville, Florida: University Press of Florida. 2007.

GARCIA, Anderson Marques; BIANCHINI, Gina Faraco; ALVES, Renata Nunes; FRIGOLI, Riccardo; LISSÁ, Deusimar de; GASPAR, Maria Dulce. Resistencia y fe: materiales sagrados un un almacén de personas esclavizadas en Rio de Janeiro, siglo XIX. Revista de Arqueología Histórica Argentina y Latinoamericana, n. 14, vol. 2. 31-64. 2020.

GARCIA, Anderson Marques; RIBEIRO, Cassandra. Pavimentos pé de moleque na Rua da Constituição. Cadernos de Educação Patrimonial em Arqueologia, Arqueologia nas Ruas do Rio. 2016.

GASPAR, Maria Dulce. Relatório parcial de salvamento e pesquisa arqueológica no Morro do Campinho, Madureira – cidade do Rio de Janeiro. 2014.

GONZÁLEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Ensaios, intervenções e diálogos. Organização: RIOS, F.; LIMA, M. Rio de Janeiro: Zahar. 2020.

GORDENSTEIN, Samuel Lira. De Sobrado a Terreiro: a construção de um candomblé na Salvador oitocentista. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia. 2014.

GORDENSTEIN, Samuel Lira. Arqueologia do axé. Considerações sobre o estudo do candomblé baiano oitocentista. In: V. Santos, L. C. Symanski e A. Holl (eds.) História da cultura material na África e na diáspora africana (pp. 295-310). Curitiba: Brazil Publishing. 2019.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuem o devido crédito pela criação original.

LEONE, Mark P.; FRY, Gladys-Marie. Spirit Management among Americans of African Descent. In: ORSER Jr., C. E. (ed.). *Race and the Archaeology of Identity*. Salt Lake: The University of Utah Press. 2001.

LIMA, Tânia Andrade; SOUZA, Souza, Marcos André Torres de; SENE, Gláucia Malerba. Weaving the Second Skin: Protection Against Evil Among the Valongo Slaves in Nineteenth-century Rio de Janeiro. *Journal of African Diaspora Archaeology & Heritage*, 3 (2), 103-136. 2014.

LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica. 2021.

LOSURDO, Domenico. *Contra-história do liberalismo*. Aparecida: Ideias & Letras. 2006.

MARTINS, Ronaldo Luiz. *Mercadão de Madureira: caminhos de comércio*. Rio de Janeiro: Condomínio do Entrepasto Mercado do Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <https://tinyurl.com/wbtrts9s>

MATORY, J. Lorand. Jeje: repensando nações e transnacionalismo. *MANA* 5(1): 57-80. 1999.

NOVAES, Luciana de Castro Nunes. *A morte visível e a vida invisível: um estudo sobre o assentamento de Exu e a Paisagem Sagrada da Enseada de Água de Meninos, Salvador (Bahia)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe. 2013.

NOVAES, Luciana de Castro Nunes. *Arqueología de Axé: una etnografía del encanto de la Arqueología*. *Revista de Arqueología Histórica Argentina y Latinoamericana*, n. 14, vol. 2. 91-117. 2020.

OLIVEIRA, Regiane. *Tebas, o negro escravizado que marcou a arquitetura de São Paulo*. *El País*, 30 de junho de 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/9smpr7ve>

PEREIRA, Caio Calixto Teixeira. *A Reorganização do Espaço Urbano Carioca – Em Destaque o Eixo Madureira-Campinho e seus Movimentos Sociais*. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. 2014.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, desde que lhe atribuem o devido crédito pela criação original.

PEREIRA, Rodrigo; CHEVITARESE, André Leonardo. Por uma Arqueologia dos Candomblés: contribuições da ciência do passado aos estudos dos fenômenos religiosos. *Revista Maracanan*, n. 20, 112-136. 2019.

REIS, João José. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. *Tempo*, 2 (3), 7-33. 1996.

RIO DE JANEIRO (RJ). Decreto nº 24560 de 25 de agosto de 2004. Disponível em: <https://tinyurl.com/mr3sksna>

SAMFORD, Patricia Merle. Power runs in many channels: subfloor pits and West African-based spiritual traditions in Colonial Virginia. Dissertação apresentada para a University of North Carolina. 2000.

SANTOS, Vanicléia Silva. As bolsas de mandinga no espaço Atlântico: Século XVIII. Tese de Doutorado. apresentada ao programa de pós-graduação em História Social, do Departamento de História, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2008.

SOUZA, Marcos André Torres de; AGOSTINI, Camilla. Body Marks, Pots, and Pipes: Some Correlations between African Scarifications and Pottery Decoration in Eighteenth- and Nineteenth-Century Brazil. *Historical Archaeology*, 46(3): 102-123. 2012.

SYMANSKI, Luís Cláudio P. A Arqueologia da Diáspora Africana nos Estados Unidos e no Brasil: problemáticas e modelos. *Afro-Ásia*, 49, 159-198. 2014.

SYMANSKI, Luís Cláudio P. O domínio da tática: práticas religiosas de origem africana nos Engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*. Volume 1, número 2. 7-36. 2007.

TV BRASIL. Entre o Céu e a Terra – entrevista com Reginaldo Prandi. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/4kr6hkbd>>

